

CAPÍTULO PRIMEIRO

**UMA CIDADE GRANDE
E UMA MENINA PEQUENA**

Há muito, muito tempo, quando as pessoas ainda falavam outras línguas totalmente diferentes das de hoje, existiam já nos países quentes grandes e faustosas cidades. Nelas se erguiam os palácios de reis e imperadores, se abriam ruas largas, vielas estreitas e becos tortuosos, se haviam construído maravilhosos templos de estátuas douradas e marmóreas; nelas se rasgavam largas praças de mercado coloridas, onde se comerciavam livremente produtos de todos os estados soberanos; e belas e espaçosas praças onde as pessoas se reuniam para falar das últimas novidades, fazer discursos ou ouvir os outros. E mais importante que tudo, nestas cidades existiam também grandes teatros.

Estes assemelhavam-se aos circos de hoje, só que eram feitos de blocos de pedras. As filas de assentos para os espectadores sucediam-se em degraus formando um monstruoso funil. Vistas de cima, algumas destas construções eram redondas, outras mais para o oval e outras ainda formavam um vasto semicírculo. Chamavam-se anfiteatros.

Havia-os tão grandes como um estádio de futebol e outros tão pequenos que apenas comportavam algumas centenas de espectadores. Havia-os faustosos, decorados com colunas e estátuas e outros mais modestos e simples. Estes anfiteatros não possuíam telhados, tudo neles se realizava sob o céu. Nos teatros mais luxuosos estendiam-se por isso tecidos bordados a ouro sobre as filas de assentos para proteger o público do ardor do sol ou de aguaceiros repentinos. Nos teatros mais simples serviam este mesmo fim esteiras de junco e palha.

Numa palavra: os teatros eram construídos à medida das possibilidades das pessoas. Mas todos queriam ter um, pois todos eram espectadores e ouvintes apaixonados. E enquanto assistiam atentamente aos episódios comoventes ou cómicos que se desenrolavam no palco, era como se aquela representação da vida fosse misteriosamente mais real do que as suas próprias vidas quotidianas. E adoravam assistir atentamente a esta realidade diferente.

Muitos milhares de anos passaram entretanto. As grandes cidades do passado foram destruídas e os palácios ruíram. O vento e a chuva, o frio e o calor desgastaram e fizeram ruir muitos edifícios e dos grandes teatros restam hoje apenas algumas ruínas. Das paredes rachadas ecoa a canção monócórdica das cigarras, como se a terra respirasse no seu sono.

Mas algumas destas velhas e grandes cidades permaneceram cidades até aos nossos dias. Claro que a vida nelas se modificou radicalmente. As pessoas andam de carro e de autocarro, têm telefone e luz elétrica. Mas aqui e ali, entre os modernos edifícios mantêm-se ainda algumas colunas, um portão, um troço de parede ou até um anfiteatro, memórias daqueles tempos passados.

E foi numa destas cidades que teve lugar a história de Momo.

Para lá do extremo sul desta grande cidade, lá onde começam já os primeiros prados e há cada vez menos casas e oficinas, erguem-se escondidas num pinhalzinho as ruínas de um pequeno anfiteatro. Já naqueles tempos remotos não era, por assim dizer, um teatro de luxo, mas um de gente humilde. Nos nossos dias, quer dizer, na época em que começa a história de Momo, aquelas ruínas estavam praticamente esquecidas. Só alguns estudiosos da Antiguidade é que sabiam da sua existência, embora não se preocupassem já com elas, pois nada mais lá havia para investigar. Não era também um monu-

mento que pudesse competir com outros da grande cidade. Assim, só de vez em quando é que por lá deambulavam alguns turistas, que trepavam pelas filas de assentos agora cobertos de ervas, faziam barulho, tiravam uma fotografia para recordação e partiam de novo. Voltava então o silêncio àquele círculo de pedra e era a vez das cigarras entoarem a estrofe seguinte da sua eterna canção, que, diga-se de passagem, em nada se distinguia da anterior.

De facto, apenas as pessoas das redondezas é que sabiam da existência da estranha construção circular. Por ali deixavam as suas cabras pastar, as crianças usavam o espaço central redondo para jogar à bola e às vezes servia também de ponto de encontro de pares amorosos.

Um dia, porém, espalhou-se entre as gentes o rumor de que recentemente alguém vivia nas ruínas. Dizia-se que era uma criança, uma menina pequena. O que não se podia contudo afirmar com certeza pois estava vestida de uma maneira um tanto estranha. Parece que se chamava Momo ou qualquer coisa parecida.

A aparência de Momo era na verdade um tanto bizarra e poderia possivelmente parecer algo assustadora àquelas pessoas que dão grande importância à ordem e limpeza. Era pequena e muito magra, pelo que se tornava difícil afirmar, mesmo com a melhor das boas vontades, se ainda só tinha oito anos ou se já tinha dez. Tinha uma cabeça de caracóis rebeldes e tão pretos como o carvão, que dir-se-ia nunca terem visto pente ou tesoura. Tinha olhos enormes e maravilhosos, igualmente pretos como o carvão, e pés da mesma cor, pois andava sempre descalça. Só no inverno é que por vezes calçava sapatos, só que eram de pares diferentes, não condizendo um com o outro, e além disso demasiado grandes. E isto acontecia exatamente porque Momo nada possuía de seu para além daquilo que encontrava ou que lhe ofereciam. A sua saia era um conjunto de remendos de todas as cores, cosidos uns aos outros, que lhe chegava até aos tornozelos.

Sobre ela usava um velho casaco de homem, demasiado largo, cujas mangas dobrava até aos pulsos. Momo não as queria cortar pois pensava, previdente, que ainda cresceria. E quem sabe se voltaria a encontrar um casaco tão lindo e prático e ainda por cima com tantos bolsos como aquele!

Sob o palco coberto de ervas das ruínas do teatro existiam algumas câmaras meio soterradas, cujo acesso se fazia por um buraco na parede exterior. Era aqui que Momo instalara a sua casa. Uma tarde vieram das redondezas alguns homens e algumas mulheres que tentaram interrogá-la. Momo encontrava-se de pé em frente deles e olhava-os medrosa, receosa de que a quisessem escorraçar. Mas logo reparou que eram pessoas amigas. Também elas eram pobres e conheciam a vida.

— Então — disse um dos homens —, gostas disto aqui?

— Sim — respondeu Momo.

— E queres aqui ficar?

— Sim, gostava muito.

— Mas não tens ninguém à tua espera?

— Não.

— Quero dizer, não tens de voltar para casa?

— É aqui a minha casa — apressou-se Momo a assegurar.

— Mas donde vens tu, criança?

Momo esboçou com a mão um gesto vago que apontava para algures lá longe.

— Quem são os teus pais? — procurou o homem saber.

A criança olhou-o e aos outros, perdida, e encolheu um pouco os ombros. As pessoas trocaram entre si olhares e suspiraram.

— Não precisas de ter medo — continuou o homem —, não te queremos mandar embora. Só queremos ajudar-te.

Momo acenou, muda, mas ainda não totalmente convencida.

— Dizes que te chamas Momo, não é?

— É.

— É um nome bonito, mas nunca o tinha ouvido antes. Quem te pôs esse nome?

— Eu — disse Momo.

— Foste tu própria que arranjaste esse nome para ti?

— Sim.

— Quando é que nasceste?

— Momo refletiu e acabou por dizer: — Tanto quanto me recordo, tenho cá estado desde sempre.

— Mas então não tens nenhuma tia, nenhum tio, nenhuma avó, não tens nenhum familiar ou casa para onde possas ir?

Momo mirou o homem e esteve algum tempo sem dizer palavra. Depois murmurou: — É aqui a minha casa.

— Está bem — concordou o homem —, mas tu ainda és uma criança. Afinal que idade tens tu?

— Cem — respondeu Momo, hesitante.

As pessoas riram-se, porque pensaram tratar-se duma brincadeira.

— Vá lá, a sério, quantos anos tens?

— Cento e dois — respondeu Momo ainda um pouco mais insegura

Ainda demorou algum tempo até que as pessoas se apercebessem de que a criança conhecia apenas alguns números, que apanhara de conversas, mas que para ela nada de concreto representavam, já que nunca ninguém lhe ensinara a contar.

— Ouve — disse o homem depois de ter consultado os outros —, importas-te que digamos à polícia que estás aqui? Irias para um lar onde terias comida e uma cama e onde poderias aprender a contar, a ler, a escrever e muitas outras coisas mais. O que achas, hem?

Momo olhou para ele aterrorizada.

— Não — mumurou —, para aí não quero ir. Já lá estive uma vez. Também lá estavam outras crianças. Havia grades nas janelas. Todos os dias havia pancada — mas sem razão nenhuma. Fugi de noite pelo muro. Para aí não quero voltar.

— Isso posso eu compreender — disse um ancião, acenando com a cabeça. E as outras pessoas também podiam compreender e acenaram.

— Está bem — disse uma mulher —, mas ainda és muito pequena. Alguém tem de olhar por ti.

— Eu — respondeu Momo, aliviada.

— E sabes como? — perguntou a mulher.

Momo ficou calada durante algum tempo e depois disse baixinho: — Não preciso de muito.

Mais uma vez as pessoas trocaram entre si olhares significativos, suspiraram e acenaram.

— Sabes, Momo — retomou de novo a palavra o homem que primeiro falara —, queremos dizer que poderias alojar-te em casa de um de nós. É certo que todos lutamos com problemas de espaço e a maioria já tem um rebanho de filhos para sustentar, mas o que queremos dizer é que mais um não faz diferença. Então o que achas, hem?

— Obrigada — disse Momo, sorrindo pela primeira vez —, muito obrigada! Mas não poderiam simplesmente deixar-me continuar a viver aqui?

As pessoas conferenciaram longamente até que por fim chegaram a um acordo. Aqui, diziam elas, era um local tão bom como em casa de qualquer deles para a criança e olhariam todos em conjunto por Momo, já que se tornava muito mais fácil fazerem-no todos do que um sozinho.

Começaram logo por arrumar e pôr em ordem, na medida do possível, a câmara de pedra semissoterrada onde Momo se alojava. Um deles que era pedreiro até construiu um pequeno fogão de pedra. E montou-se uma ferrugenta chaminé para o fogão. Um velho marceneiro fez de algumas tábuas de caixote uma mesinha e duas cadeiras. E por fim as mulheres trouxeram ainda uma cama de ferro usada, decorada com arabescos, um colchão apenas um pouco roto e dois cobertores. O buraco de pedra sob o palco das ruínas transformara-se num pequeno quarto acolhedor. O pedreiro que possuía tam-

bém dotes artísticos pintou ainda, no final, um lindo quadro de flores na parede. Pintou inclusive a moldura e o prego em que o quadro estaria pendurado.

E então vieram os filhos das pessoas com o que sobrara da refeição: um, um pequeno pedaço de queijo, um outro, um pãozinho, um terceiro, fruta e assim por diante. E como eram muitas crianças, juntou-se uma tal quantidade de comida naquela noite, que puderam celebrar, todos em conjunto, uma verdadeira festa em honra da mudança de Momo para o anfiteatro. Foi uma festa tão alegre como só os pobres sabem ter.

E foi assim que começou a amizade entre a pequena Momo e as gentes das redondezas.